

# Índice

Cap. 1	
Escola Substractiva, Relações de Comprometimento e Capital Social na Formação Escolar da Juventude Mexicana dos/nos EUA	9   29
Angela Valenzuela	
Cap. 2	
Pedagogia Crítica, Educação das/dos Latinas/os e Política de Luta de Classes	31   55
Peter McLaren e Nathalia E. Jaramillo	
Cap. 3	
A Universidade do Papel	57   87
Luís Porter	
Cap. 4	
“Circunlóquios” de Silêncios sobre os Conteúdos Curriculares	89   106
João M. Paraskeva	
Cap. 5	
A Problemática da Raça na Comunidade da Pedagogia Crítica	107   122
Ricky Lee Allen	
Cap. 6	
Será que a Religião Continua a Ser o “Ópio” do Povo? A Pedagogia Crítica, a Teologia da Libertação e o Empenhamento na Transformação Social	123   136
César Augusto Rossatto	
Cap. 7	
A Justiça Social Requer uma Revolução da Vida quotidiana	137   151
E. Wayne Ross e Kevin D. Vinson	
Cap. 8	
Em torno da Linguagem do Possível: Revisitando a Pedagogia Crítica	153   173
Seehwa Cho	



## Prefácio

Reinventar a Pedagogia Crítica estrutura-se em capítulos de distintos autores de diferentes países, que marcaram a sua presença na Second International Conference on Education, Labor, and Emancipation, que ocorreu em El Paso, Texas, Estados Unidos e em Ciudad Juarez, México em Outubro de 2004.

A conferência conseguiu consolidar um genuíno espírito de solidariedade entre educadores e educadoras de todo o mundo que partilharam as suas visões e preocupações sobre o bem estar dos estudantes e as suas experiências de aprendizagem. Nos comentários da avaliação recebida, muitos educadores e educadoras mencionaram que se respirava na conferência um sentimento de paixão pelo compromisso para com uma educação pública capaz de criar uma sociedade mais justa e igual. Provavelmente, era este o significado que Paulo Freire tentava consolidar nos seus escritos; um sentido profundo de dedicação à justiça social e à sua viabilidade emanada da práxis num ambiente de paixão e de respeito.

Com efeito, o aspecto multicultural e bilingue do evento permitiu a todos os participantes um sentimento humanista. As pessoas foram capazes de atravessar fronteiras, literalmente. Com base neste compromisso é possível ultrapassar as barreiras visíveis e invisíveis que frequentemente dividem as pessoas.

Esta obra tem como objectivo “abrir as limitações históricas das fronteiras da pedagogia crítica” examinando, sobretudo, as relações capitalista e a hegemonia cultural na sala de aulas. Não obstante, não termos minimizado a importância de grande parte das formas de opressão no passado, o grande objectivo aqui é criar

oportunidade para a renovação de um compromisso ainda mais profundo na luta contra o racismo, ‘patriarcado’ e formas correntes de capitalismo global com a sua internacionalização do capital e do trabalho. Esta nova perspectiva lida com o modo como os sistemas hegemónicos funcionam para estabelecer poder e privilégio relativo entre orquestradas relações hierarquizadas “opressor-oprimido”.

A abordagem clássica Marxista minimiza a importância do poder e privilégio relativo e as estruturas que o criam, tais como a supremacia e “patriarcado” branco, optando antes por uma alegada clarividência na consciência de classe. Todavia, na perspectiva que assumimos, os agentes radicais devem intervir no seu poder – relativo – de raça, género e classe para criar um movimento contra-hegemónico mais coeso, intimamente associando às diferentes categorias de uma forma autêntica e perene. Dito de outra forma, Marxismo e pedagogia crítica não lidaram de uma forma adequada por que razão muitos povos oprimidos não eram capazes de se associar. Reinventar a Pedagogia Crítica é apenas, e tão só, um esforço para que nos centremos nas relações entre grupos – relativamente – oprimidos à medida que se vão reconstruindo através de realidades do trabalho, no seio de realidades opressoras mais amplas.

Assim, a nossa intenção é propor um outro encaminhamento à pedagogia crítica rumo a novas direcções para uma nova geração, sem que contudo se ignorem as grandes conquistas já conseguidas. Isto inclui estudos que revisitam e reavaliam tópicos estabelecidos no campo, ou colocam novas áreas de contestação, tais como, teoria crítica da raça, womanismo, “mulherismo”, perspectivas e teorias indígenas, globalização e discursos neoliberais contra-hegemónicos, teologia da libertação, estudos ambientais críticos, estudos transnacionais críticos, estudos críticos pós-estruturais, entre outros.

Não podemos terminar sem deixar de registar o nosso apreço às Edições Pedagogo, na pessoa de Pedro Patacho, pelo apoio, empenho e solidariedade manifestada desde a primeira hora e à Márcia Pires pelo aturado e excelente trabalho de edição.

César Rossatto  
João Paraskeva  
Ricky Lee Allen

El Paso, EUA  
2004